

Senzalas de palha, choças e choupanas: apontamentos sobre a história da moradia escrava nas terras sergipanas (1801-1888)

Joceneide Cunha¹

20



Resumo

O termo senzala aparece em diversos momentos na documentação. No entanto, as moradias dos escravos ainda são pouco estudadas. Neste texto pretendo analisar alguns aspectos da moradia dos escravos nas terras sergipanas no período de 1801 a 1888. Para isso, utilizei diversas fontes históricas, como inventários *post-mortem*, testamentos, poemas dentre outros, nesses busquei indícios da existência das senzalas, materiais usados e finalidades. Como resultado, encontrei na documentação diversas possibilidades de moradia escrava, bem como alguns dos materiais utilizados e algumas das funções dessas moradias.

Palavras-chave: escravos, senzalas, famílias.

Abstract

The term senzala appears at various times in the documentation. However, the houses of the slaves are still poorly studied. In this paper I analyze some aspects of the house of slaves in Sergipe land in the period from 1801 to 1888. For this, I used various historical sources, such as postmortem inventories, wills, poems among others, those sought evidence of the existence of the slave quarters, used materials and purposes. As a result, the documentation found several possibilities of slave housing, as well as some of the materials used and some of the functions of these villas.

Keywords: slaves, slave quarters, families.

1 Doutora em História pela UFBA. Professora da Universidade do Estado da Bahia.

A canção do Africano

Lá na úmida senzala,
 Sentado na estreita sala,
 Junto ao braseiro, no chão,
 Entoa o escravo o seu canto,
 E ao cantar correm-lhe em pranto
 Saudades do seu torrão...

De um lado, uma negra escrava
 Os olhos no filho crava,
 Que tem no colo a embalar...
 E à meia voz lá responde
 Ao canto, e o filhinho esconde,
 Talvez pra não o escutar!

....

O escravo calou a fala,
 Porque na úmida sala
 O fogo estava a apagar;
 E a escrava acabou seu canto,
 Pra não acordar com o pranto
 O seu filhinho a sonhar!

.....

O escravo então foi deitar-se,
 Pois tinha de levantar-se

Bem antes do sol nascer,
 E a cativa desgraçada Deita seu filho, calada,
 E põe-se triste a beijá-lo,
 Talvez temendo que o dono
 Não viesse, em meio do sono,
 De seus braços arrancá-lo!²

Ao imaginar as senzalas, a imagem comumente vinculada à expressão mencionada é a de vários escravos juntos uns sobre os outros, num espaço único. Imagem essa apresentada em novelas que tratam do período escravista. Essa imagem reflete um tipo de moradia dos cativos, mas existiram outras no Brasil Oitocentista. No poema, A canção do africano, do famoso literato abolicionista, Castro Alves, menciona a existência da senzala com o seu fogo, como um lugar da esfera da intimidade de homens e mulheres escravos, que a mulher podia acarinhar seu filho, ter seus pensamentos que revelavam a fragilidade da família escrava, ou ainda o lugar que escravo que chorava de tristeza com saudades do seu *torrão*. Ressalta que o fogo no interior das senzalas foi observado por vários viajantes que circularam no Brasil nos Oitocentos a exemplo de Rugendas. Segundo Slenes, esse fogo serviria para manter uma temperatura mais confortável no interior das habitações, iluminar e acender fogos no período era difícil e o fogo era necessário para o cozimento de alimentos. A fumaça produ-

zida pelo fogo também tinha sua importância, pois espantava mosquitos e conservaria os alimentos³. O mesmo autor aponta significados simbólicos para esse fogo que retornarei mais adiante.

Através de Castro Alves temos uma notícia sobre uma senzala na Província da Bahia nos Oitocentos. Na Província de Sergipe, da mesma maneira que em outras localidades, houve várias formas de senzalas. Neste artigo comentarei alguns indícios encontrados sobre os tipos de moradia de escravos nas terras sergipanas, no meio urbano e principalmente no rural. Para isso, utilizei diversos tipos de fontes como inventários *post-mortem*, textos literários, testamentos, sumários de culpa dentre outros. A metodologia utilizada o método indiciário proposto por Ginsburg, buscando pequenos sinais, indícios das moradias dos escravos⁴. Esses indícios foram identificados e suas informações foram somadas afim de construir um pequeno mosaico de como eram os lares escravos.

Muitos trabalhos citam a moradia escrava no meio urbano, grande parte desses trabalhos sobre o Rio de Janeiro. O Rio de Janeiro no século XIX era um grande centro urbano e que circulava uma grande quantidade de homens e mulheres escravizados. Possivelmente a pioneira a tratar da temática foi Mary Karash, que ao estudar escravidão na Capital identificou alguns tipos de moradia⁵. Outro a tratar da temática foi Carlos Eugênio Libano Soares que estudou os zungus que seria um local de pouso temporário para os africanos⁶. Outros estudos citam as residências dos escravizados em Salvador, como João José Reis que mostra que os escravizados residiam no andar térreo dos sobrados, nas lojas ou ainda em casas ou cômodos locados pelos escravizados. Essa autonomia permitiu a esses escravizados organizar o levante dos malês⁷.

Recentemente surgiram trabalhos que se debruçaram com mais afinco sobre a temática da moradia escrava. Dentre esses há textos específicos sobre a moradia escrava no meio urbano, a exemplo do trabalho de Ynaê Lopes dos Santos. A autora narra como eram as moradias dos homens e mulheres escravos no Rio de Janeiro na primeira metade dos Oitocentos. Para ela a moradia estava associada ao tipo de trabalho desenvolvido pelo escravizado. A autora chegou a conclusão semelhante que Ana Lourdes

3 SLENES, Robert. *Na senzala uma flor*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, pp.237-253

4 GINZBURG, Carlo. Sinais. Raízes de Um Paradigma Indiciário. IN: *Mitos, Emblemas, Sinais*. Carlo Ginzburg. Tradução de Federico Carotti. Companhia das Letras, São Paulo, 1989, pp. 143-179.

5 KARASH, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro 1808-1850*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

6 SOARES, Carlos Eugênio. *Zungu: rumor de muitas vezes*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1998.

7 REIS, João José. *Rebelião Escrava no Brasil: a História do levante dos Malês em 1835*. Edição revista e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.



da Costa chegou na sua dissertação de mestrado⁸. Os escravos de ganho tinham mais autonomia para “morar sobre si”⁹. Alguns empregados domésticos, principalmente dos senhores com menos recursos dormiam em esteiras em algum cômodo da casa, outros escravizados domésticos residiam nos porões das casas dos seus donos. Poucos são os trabalhos que versem sobre as senzalas, seus tipos e finalidades.

Ainda há textos que versam sobre as senzalas rurais, os materiais utilizados, bem como o que elas possibilitavam. Dentre os autores que versaram sobre essas moradias têm-se Robert Slenes e Rafael Marquese¹⁰. Slenes em seu livro, utilizando-se como fonte, principalmente, de relatos de viajantes, enumera várias arquiteturas de senzalas: as do tipo pavilhão, construções compridas e com apenas um andar, dividida em compartimentos, quatro escravos solteiros do mesmo sexo ocupavam um cubículo ou um casal com seus filhos; outro tipo de Senzala era o do tipo barracão, nesta não havia divisões. Eram duas senzalas e abrigavam os escravos separadamente pelo sexo. Os casados ficavam em recintos menores. Todavia, o autor não precisa se esses recintos ficavam ou não dentro das senzalas barracões. Ressaltamos que estes modelos foram encontrados no sudeste cafeeiro, onde o número de escravos por proprietário era bastante elevado. O mesmo autor cita Rugendas e este pontua que nos locais de lavoura de mandioca e algodão, a moradia dos escravos eram as choupanas, construídas de pau e cobertas de folhas de palmeiras, comumente não tinha janelas e eram extremamente baixas. Outra arquitetura citada é a de cabanas construídas com barro, em Minas Gerais. Marquese aponta a existência de senzalas em formato retangular, com um pátio comum e um único portão, essas existiram em Cuba e no Sul Cafeeiro. Os dois autores estudaram as senzalas no sudeste cafeeiro, uma das conclusões do primeiro autor é que os escravizados construíram suas moradias utilizando referenciais africanos. O segundo concorda com essa afirmação, mas defende que além desses referenciais também foram utilizados modelos pensados pelos senhores escravistas. Marquese também afirma que os modelos de senzalas variaram no sudeste cafeeiro no decorrer do tempo¹¹.

8 COSTA, Ana de Lourdes. Ekabó. Trabalho escravo, condições de moradia e reordenamento urbano em Salvador no século XIX. Mestrado. Salvador: Faculdade de arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, 1989.

9 SANTOS, Ynaê Lopes dos. *Além da Senzala*: Arranjos escravos de moradia no Rio de Janeiro (1808-1850). São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2010.

10 SLENES, Robert. *Na senzala uma flor*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1999, pp.149-180. Vê em: MARQUESE, Rafael de Bivar. Moradia escrava na era do tráfico ilegal: senzalas rurais no Brasil e em Cuba, c. 1830-1860. In: Anais do Museu Paulista. São Paulo.N. Sér. v.13. n.2.p. 165-188 jul.-dez. 2005.

11 MARQUESE, Rafael de Bivar. Moradia escrava na era do tráfico ilegal: senzalas rurais no Brasil e em Cuba, c. 1830-1860. In: Anais do Museu Paulista. São Paulo.N. Sér. v.13. n.2.p. 165-188 jul.-dez. 2005.

Neste texto esboçarei alguns aspectos acerca dos materiais utilizados, bem como das utilizações dessas moradias. Inicialmente tratarei do meio rural e sem seguida do meio urbano.

As senzalas nos sítios, engenhos e fazendas

O primeiro a noticiar as senzalas nas terras sergipanas foi o vigário Marcos de Souza em 1808. Em uma passagem conhecida e citada pela historiografia sergipana, o vigário defendia a ideia que a escravidão em Sergipe foi mais doce que a do Recôncavo Baiano. Entre seus argumentos para defender a sua ideia estão a existência das senzalas e suas formas. Ele menciona os materiais utilizados na feitura das senzalas possivelmente da zona rural de São Cristóvão. Segundo Marcos Souza, as senzalas eram cobertas de telhas enquanto que as do Recôncavo eram de palha. Essas senzalas abrigariam as famílias escravas que existiam em Sergipe, ainda segundo o vigário¹².

Marcos Souza foi vigário de Pé do Banco, possivelmente conheceu engenhos e sítios da Cidade de São Cristóvão que nesse momento incluía a povoação de Laranjeiras. Essa Cidade possuía vários engenhos tinham muitas construções incluindo capelas como o Ibura ou o Gameleiro que podem ter servido de cenário para a celebração de alguns casamentos que envolviam escravizados. Em São Cristóvão já havia na zona rural construções com telha desde os Setecentos, a exemplo do sítio de Maria José da Conceição que já era coberto com telhas em 1762¹³. Assim, as telhas eram um artigo usado há algum tempo na Cidade. Mais um elemento para analisarmos a informação do vigário é a existência de famílias. A cidade de São Cristóvão possuía grandes posses de escravos, e algumas dessas propriedades tinham inúmeras famílias. O Leandro Ribeiro de Siqueira, senhor de engenho São Paulo, possuía 37 famílias legítimas que envolviam homens e mulheres escravos, dessas 25 tinham participação de homens e/ou mulheres africanos, além dessas uniões oficiais, tinham também inúmeras famílias matrilineares¹⁴. O vigário ao se referir aos africanos citou a existência dos *angolas*, no período entre 1750-1835, os angolas foram majoritários¹⁵.

Diante desses elementos é possível afirmar que o vigário foi um bom observador, já que nas terras que possivelmente circulou tinham inúmeras

12 SOUZA, Marcos Antônio. *Memória sobre a capitania de Sergipe*. Sergipe/Aracaju. 2005. pp.26-27.

13 AGSJE, SCR/C.1ºOF. Livros de Testamentos - Cx. 62 - Lv. 04 - pp. 77-84, testamento de Maria José da Conceição, 1762.

14 AGSJE, Cartório do 1º Ofício de São Cristóvão, Inventário de Leandro Ribeiro de Siqueira, cx.7, 03/02/1827.

15 SANTOS, Joceneide Cunha. *NEGROS(AS) DA GUINÉ E DE ANGOLA: nações africanas em Sergipe (1720-1835)*. Tese de Doutorado, UFBA, 2014.

ras famílias de escravizados, além dos outros elementos citados. Dessa maneira, possivelmente algumas das senzalas eram cobertas de telhas, provavelmente as moradias dos escravizados cujos senhores eram fortunados. Informo ainda que alguns desses engenhos tinham olaria que serviam para fazer as formas para o açúcar ser feito, e quiça as telhas que serviam para cobrir as senzalas, a casa do senhorio e demais trabalhadores dos engenhos. O Sargento-mor Dionizio Rodrigues Santos, residente em São Cristóvão, além de possuir um engenho também possuía uma olaria¹⁶. No entanto, não posso mensurar se tais construções eram a regra. Posso afirmar que as telhas não eram os únicos materiais usados para as moradias dos escravos, conforme veremos adiante.

Em 1823, na Povoação de Estância, Jerônimo Fernandes de Souza tinha entre os seus bens um engenho e algumas senzalas de palha. As palhas eram outro material usado nas construções das moradias dos escravos, de homens livres e libertos. Algumas casas de sítios de homens pobres em Estância também eram com palhas. A exemplo de Maximiliano José da Costa que tinha um sítio com casa de palha, além de coqueiros e mandioca¹⁷. Assim, as palhas eram uma alternativa para uma parte da população nos Oitocentos. Na Freguesia de Nossa Senhora do Socorro também tinha sítios com palha, incluindo na povoação de Aracaju¹⁸.

Algumas senzalas construídas somente com palhas, e outras possivelmente de taipa e palha. O último tipo possivelmente foi a mais comum, pois também eram os materiais usados em algumas casas arroladas nos inventários dos moradores de São Cristóvão incluindo os da Freguesia de Nossa Senhora do Socorro, Povoação de Estância e dentre outros¹⁹. Para Slenes e Marquese, os escravos africanos procuravam materiais que permitissem construir moradias com modelos próximos as que eles tinham no continente africano. Nas construções das moradas dos escravizados de taipa eram necessários os cipós. Os escravos, após executarem os seus serviços podiam colher materiais para construir as suas choças com a ajuda dos parceiros de cativo. Esse foi o caso de Manoel Boca, que em 1860 mencionou num interrogatório que ele e seu parceiro, Venceslão, como de costume, após cumprirem as obrigações estavam tirando cipó, no mato, para construir sua casa²⁰. Manoel Boca e Venceslão eram cativos no Engenho Piauhy na Vila de Lagarto e por estarem no meio rural dispu-

16 AGJSE, Cartório do 1º Ofício de São Cristóvão, Inventário do Sargento Mor Dionizio Rodrigues Santos, 1836, Cx. 2311.

17 AGSJE, Cartório de Estância, Maximiliano José da Costa, cx.18, 09/01/1830.

18 AGJSE, Cartório de Aracaju, Inventário de Manoel Pires de Miranda, 1833, cx.2310.

19 Os inventários do Cartório de Lagarto na segunda metade dos Oitocentos mostram casas de taipa e telha, aos poucos que elas vão sendo substituídas por casas de tijolo e telha.

20 Réus Manoel Boca, Venceslão e Faustino, vítima José Telles de Menezes, sumário de culpa, 17/03/1860, Cartório do Segundo Ofício de Lagarto, caixa 380p.



nham de um maior espaço e facilidades para construir suas casas, posto que os materiais utilizados estavam próximos dos seus locais de trabalho. Ressalto ainda a solidariedade entre os parceiros de cativo para retirarem o material e possivelmente construir suas casas. Possivelmente no decorrer dos Oitocentos as telhas se tornaram mais comuns nas senzalas.

Em São Cristóvão, em 1826, identifiquei mais um indicio de moradias de escravizados. Inês Maria de Jesus tinha um sítio e três senzalas, além de um pasto²¹. Nesse inventário apareceu o número de senzalas. Informo também que a mesma senhora possuía sete escravizados, quatro homens, duas mulheres e um recém-nascido. Thereza era mãe do recém-nascido que ainda estava sem batismo. Ou seja, havia famílias e possivelmente essas tinham suas moradias. Da mesma forma que defende Slenes, possivelmente as famílias tinham espaços separados em Sergipe.

O termo senzala aparece em diversos inventários no plural, alguns desses inventários de senhores de engenho, a exemplo do engenho citado Iburá que possuía senzalas²². Todavia também havia sítios com senzalas, como Clara Maria da Conceição que tinha senzalas e cinco escravizados²³. Ou ainda na Vila de Maruim que em 1821, José Vicente, possuía casa no Bom Jesus com pasto e senzalas, tarefas de cana. Além disso, 14 escravizados, 5 mulheres, 5 homens e quatro crianças²⁴. Ou seja, possivelmente tinha famílias entre os seus escravizados, e é possível especular que eles tinham seus espaços em separado. Ressalto que Nicolau, cabra, era assistente de fazenda, possivelmente cuidava dos pastos de José Vicente. Grande parte dos escravizados que viviam nas senzalas que cito neste texto trabalhavam no eito, ou em atividades ligadas ao feitiço de açúcar, ou ainda na lida com o gado. Em suma, esse plural do termo senzala, indicia que alguns homens e mulheres escravizados viviam em separado em suas moradias. As famílias escravas possivelmente possuíam seus lares e em certa medida *moravam sobre si*.

Outra possibilidade de família eram as chamadas mistas. Os escravos casados com mulheres livres ou libertas ou o inverso. Na primeira situação, o casal residia em casas separadas e em algumas situações em moradias construídas nas propriedades do senhor do escravizado. Este era o caso de Antônio, escravo de João Baptista da Silva, que em 1869 morava com sua esposa numa casa localizada no interior da propriedade do seu senhor. Tinha como vizinho um livre, Antônio Francisco d'Araújo,

21 AGJSE, Cartório de São Cristóvão, Cartório de São Cristóvão, Inventariado: Inês Maria de Jesus, 6/12/1826, cx. 162.

22 AGJSE, Cartório de São Cristóvão, Inventário de Manoel Fernandes de Souza, 1824, cx.161.

23 AGJSE, Cartório de São Cristóvão, Inventário de Clara Maria da Conceição, 30/09/1819, cx.1.

24 AGJSE, Cartório de Maruim, Inventário de José Vicente, 2/04/1821, cx.3.

lavrador, um possível agregado do seu senhor²⁵. Pedro, propriedade de José Narciso, foi outro exemplo. Residia numa casa situada nas posses do seu senhor, com sua mãe e Jacinta, sua amásia²⁶.

Não rejeito a possibilidade de algum escravo casado com mulher livre residir na casa da consorte, pois muitas delas eram frutos de relacionamentos legítimos e poderiam ter herdado uma casa dos seus pais ou ainda adquirido através das suas economias. Os *bens de raiz* não eram difíceis de serem conseguidos no período, principalmente nas primeiras décadas. Em 50, por exemplo, apenas quatro inventariados não possuíam esses bens arrolados entre os seus pertences²⁷. Após 1850, data da promulgação da Lei de Terras, as mesmas passaram por forte valorização²⁸.

Ainda sobre as casas separadas, Francisco José Alves, famoso abolicionista, num artigo que se refere às senzalas menciona que foram transformadas em “pequenas casas aseadas” para trabalhadores livres residentes na zona da Cotinguiba²⁹, mostrando que os escravos moravam em casas separadas. Bem como uma grande preocupação do período da higienização. O século XIX assistiu a várias epidemias, dentre elas a de cólera bem como ao crescimento de um discurso higienista. Na Província de Sergipe, a cólera chegou em 1855 e fez inúmeras vítimas entre escravizados e livres, nas diversas regiões³⁰, com o isso ocorreu a difusão do discurso citado e das práticas higienistas.

Bittencourt Sampaio, poeta sergipano, ao se referir às casas dos escravos, no seu poema intitulado *No Álbum de um Poeta*, as chama de *choças*³¹. Segundo o dicionário Oitocentista, a choça significaria casa de colonos, uma casa humilde³². Viajantes no início dos Oitocentos descreveram as choças

- 25 AGJSE, Cartório do Segundo Ofício de Lagarto, Sumário de culpa, Réu, Antônio escravo de João Baptista da Silva, vítima, Josefa Maria da Conceição, 25/07/1869, caixa 4, 77p.
- 26 AGJSE, Cartório do Segundo Ofício de Lagarto, Sumário de culpa Réu, Vicente, vítima, Pedro, 27/06/1861, caixa 3, 56p.
- 27 Cartório do Primeiro e Segundo Ofício de Lagarto, Inventários *Post-mortem*, 1850 a 1888.
- 28 Cartório do Primeiro e Segundo Ofício de Lagarto, Inventários *Post-mortem*, 1850 a 1888; OLIVEIRA, Lélío Luiz. *Economia e História. Franca - Século XIX*. SP: UNESP-FHDSS: Amazonas Prod. Calçados S/A1997. (História Local, 7).
- 29 ALVES, Francisco José. Agricultura do país e a escravidão. In: LIMA, Jackson da Silva. *Os Palmares Zumbi & outros textos sobre a escravidão*. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1995, 164-170.
- 30 CARDOSO, Amâncio. *AS FILHAS DA PESTE: fome, morte e orfandade _ Sergipe 1855-1856*. In: Revista do IHGSE, nº38, 2009, pp.25-48.
- 31 Essa poesia, que se refere ao *norte*, foi publicada inicialmente em 1860, em Flores Silvestres, um livro de poesia. Ver em: GUARANÁ, Armindo. *Dicionário bio-bibliográfico sergipano*. Rio de Janeiro: Governo do Estado de Sergipe, 1925. pp.99-100. SAMPAIO, Francisco Leite Bittencourt. No álbum de um poeta (fragmento). In: LIMA, Jackson da Silva. *Os Palmares Zumbi & outros textos sobre a escravidão*. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1995, p.95.
- 32 PINTO, Luiz Maria da Silva. *Dicionário da língua brasileira (1775-1869)* Ouro Preto: Typografia de Silva, 1832. p.234.



como habitações indígenas ou de escravos, construídas de ripas e junco e algumas delas cobertas de palhas. Ressalto que para Spix e Martius essas habitações imitavam os padrões africanos, a exemplo do kraal africano³³. E, na Província de Sergipe, na segunda metade dos Oitocentos possivelmente persistiam as tais construções. Uma parcela considerável dos escravizados na Província eram homens e mulheres africanos ou seus filhos, assim é possível especular que esses homens e mulheres reconstruíram suas construções nas terras brasileiras dentro das suas possibilidades.

Um local de moradia diferenciado foi a dos escravos do Tenente Gaspar José de Carvalho. O lar desses escravos era numa casinha colada à residência de Antônio da Rocha, proprietário da mesma. O último emprestou uma das suas casas para servir de senzala para os escravos do amigo. Provavelmente, os dois homens livres residiam próximos, o que facilitava o deslocamento e uma vigilância. A moradia tinha comunicações “anteriores e posteriores”, ou seja, havia portas na frente e atrás. Dificilmente imagina-se uma senzala com tantas portas, o que facilitaria as saídas e entradas dos escravos e possíveis fugas. Como os senhores de escravos não eram grandes afortunados e a escravaria do tenente era recente, talvez ele não dispusesse de tempo nem dinheiro para construir a moradia para seus escravos³⁴.

Os senhores que possuíam pequenas posses e cujos escravos fossem solteiros, provavelmente dividiam o espaço da sua casa com eles, esses escravos não tinham acesso a uma moradia em separado. Um cômodo ou parte do cômodo deveria ser reservado para o escravo ou escrava. O Sumário de Culpa no qual o escravo Raimundo, propriedade de Agostinho José dos Reis, testemunhou traz sinais disso. Ele narrou que estava deitado quando ouviu um barulho, levantou-se e viu o escravo Benedito, pertencente a Manoel Romão da Piedade, entrando no quarto do seu senhor para furtar dinheiro. Para Raimundo ouvir e ver essa movimentação era necessário que estivesse deitado no interior da casa³⁵.



- 33 SPIX, J. B. Von e MARTIUS, C.F.P. Von. *Viagem pelo Brasil*. Tomo II São Paulo: Melhoramentos, p.28; WIED MAXIMILIAN, Prinz Von. *Viagem ao Brasil*. Tradução de Edgar S. de Mendonça e Flávio P. de Figueiredo. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1989. WIED MAXIMILIAN, Prinz Von. *Viagem ao Brasil*. Tradução de Edgar S. de Mendonça e Flávio P. de Figueiredo. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1989.
- 34 Réus: Vicente Lopes de Almeida, Manoel da Costa Silva, Antônio Suares da Costa, sumário de culpa, 30/01/1858, Cartório do Segundo Ofício de Lagarto caixa 3, 59p.
- 35 Réu, Benedito escravo de Manoel Romão da Piedade, vítima, Agostinho José dos Reis, Sumário de Culpa, 05/11/1876, Cartório do Segundo Ofício de Lagarto, caixa 07, 37p.

“O morar sobre si” nas Vilas e Cidades

O florescimento de vilas e cidades na Província de Sergipe, bem como o aumento da população nessas ocorreu de forma mais intensa no início dos Oitocentos. Com o aumento da produção açucareira, a Província enriqueceu e isso se tornou visível na paisagem das terras sergipanas. Até esse momento, grande parte das residências que havia nas Vilas e Cidades eram de pessoas que residiam em sítios e engenhos, no entanto, iam para o meio urbano para participarem das festas religiosas ou ainda tratarem de assuntos comerciais. No decorrer dos Oitocentos essa realidade foi se transformando, pessoas passaram a residir nas Vilas e com isso seus escravizados também construíram seus lares.

Na Vila de Lagarto, na segunda metade do XIX, no meio urbano encontrei duas referências às moradas dos escravos. A primeira, nos “fundos da malhada” de André Ramos Romero, era o local onde foram construídas as casas dos escravos. Abelardo Romero, sobrinho de Silvio Romero, comentou que as pessoas se referiam aos fundos da *malhada* do seu avô, André Romero, como a “Angola do Velho André”.³⁶ Ou seja, provavelmente os escravos casados moravam em residências separadas dos demais cativos; todavia, não acredito que os solteiros morassem em senzalas do tipo pavilhão, estas não devem ter existido na região. O número médio de escravos por proprietário na segunda metade dos Oitocentos era pequeno, de 1 a 3 escravizados, e por isso não se justificava esse tipo de construção.

A segunda referência foi à do cativo sapateiro José, mestiço, doente de asma, que morava nos fundos da casa principal, sem ligações com a malhada. A casa do escravo chegou a ser avaliada, em 1860, por 150\$000 réis, no inventário do seu proprietário, Manoel Felipe de Carvalho.³⁷ Não acredito que a moradia de José constituísse uma regra, todavia, era mais uma possibilidade de *fogo* para um escravo.

No caso de José, além de morar numa casa valorada ele também residia afastado do seu senhor, morava “sobre si”. Morar numa casa diferente da residência do proprietário foi algo possível para alguns escravos. O motivo que contribuiu para José morar numa casa sem os seus senhores foi a sua profissão, sapateiro; viver na Vila possibilitaria maiores ganhos. E possivelmente, José era um escravo de ganho. Conforme foi citado esse escravos tiveram mais autonomia incluindo sobre o morar. Convém frisar que alguns senhores possuíam várias propriedades e os seus escravos viviam nos diversos imóveis o que também evidenciaria uma relativa autonomia. O que nortearia o local de morada dos escravos seria o seu ofício

36 Ele fez as memórias sobre a convivência do tio com a sua família. ROMERO, Abelardo. *Silvio Romero em família*. Rio de Janeiro: Saga, 1960.

37 Manoel Felipe de Carvalho, inventariado, Josefa Maria dos anjos, inventariante, caixa,18, 03/02/1854.



e a tipo de produção da propriedade. O nosso já conhecido André Ramos Romero era um desses senhores; os escravos Domingos, Manoel, Maurícia, Anna, Benta e Josefa foram transferidos de sua casa para o sítio da Catita, um subúrbio da cidade, local onde, provavelmente, o proprietário não residia³⁸. Um escravo vaqueiro irá residir na fazenda independente do seu senhor residir no engenho.

Etelvina Amália de Siqueira³⁹, abolicionista, ao se deparar com um velho escravo numa noite chuvosa em Aracaju, ficou horrorizada pelo fato dele não possuir uma *choupana nem roupas para protegê-lo do frio*. Os elementos citados dão indícios de que a morada padrão dos escravos era chamada pelos literatos de choças ou choupanas⁴⁰. A sua surpresa denota que era algo tido como comum os escravizados possuírem suas moradias, mesmo em Aracaju.

Lembro que Aracaju foi uma cidade planejada. No entanto, em 1855, no seu primeiro ano de fundação, a cidade possuía algumas construções de palhas no interior do quadrado de Pirro. No decorrer dos anos foram publicadas uma série de posturas limitando como deveriam ser as construções, em 1856 têm-se a primeira postura, mencionando tamanhos e materiais dos imóveis a serem construídos. Em 1858, outra postura proíbe a construção de casas ou prédios feitos com palhas em grande parte da área planejada. Em 1868, outra legislação aumenta a área cujas construções deveriam ser de alvenaria.

A proibição do uso das palhas tem diversos motivos, primeiro o já citado discurso higienista que estava vigente no período, as casas de palhas facilitariam a propagação de doenças; seguido pelos riscos de incêndio. E por fim, as palhas lembrariam os mocambos e construções dos escravos, o que não seria coerente com o discurso que justifica a fundação da cidade. Aracaju surgiu sob a égide do discurso civilizador e modernista, dessa forma não podia ter habitações precárias e que lembravam os lares das classes subalternas⁴¹.

38 Correio Sergipense, Aracaju, n.57, 20 de julho, 1861, p.04 In: CISNEIROS, Sandra Maria Costa. *Anúncios de escravos nos jornais sergipanos do século XIX*. São Cristóvão: UFS, 2003. Monografia. (Licenciatura, DHI), p.236

39 Etelvina Amália de Siqueira foi professora, diplomou-se na Escola Normal de Aracaju, nasceu em 1862 em Itabaiana, Sergipe. Ver em: GUARANÁ, op. cit p.75 O seu discurso foi publicado inicialmente na Gazeta de Aracaju em 1883. SIQUEIRA, Etelvina Amália. Quadro Negro. LIMA, Jackson da Silva. *Os Palmares Zumbi & outros textos sobre a escravidão*. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1995, pp.187-189.

40 SIQUEIRA, Etelvina Amália. Quadro Negro. LIMA, Jackson da Silva. *Os Palmares Zumbi & outros textos sobre a escravidão*. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1995, pp.187-189.

41 CARDOSO, Amâncio. "Cidade de Palha: Aracaju 1855-1895". *Revista de Aracaju*. Aracaju, n. 10, p. 111-115, 2003; ROLIM, Waldefrankly Rolim de Almeida. *Modernização centralizadora: território e desenvolvimento urbano na Província de Sergipe (1855-1860)*, tese de doutorado, UFPE, 2014, pp. 160-170.

Diante desses elementos como a tentativa de eliminação de casas de palha como os escravizados terem suas moradias em Aracaju? Possivelmente alguns deles residiam em cômodos das casas dos seus senhores. Outros possivelmente residiam na periferia da nova capital. O viajante Avé- Lallemand esteve em Aracaju em 1858 e noticiou a existência de pessoas pobres residindo na periferia da Cidade e utilizando coqueiros nas construções das suas moradias, quíça as palhas dos coqueiros⁴². O mesmo autor cita que as cercas do cemitério da capital eram retiradas para fazer fogueiras. Será que nas senzalas em Aracaju também haviam os fogos descritos no interior da senzala por Castro Alves? Slenes tentou recuperar o significado simbólico do fogo nas senzalas, pois vários viajantes o descreveram. Para isso, buscou informações nos viajantes que circularam nos Reinos do Congo, Angola e Benguela e concluiu que o fogo possibilitava a relação dos escravos com a ancestralidade, eram as flores dos lares negros⁴³. As demais funções foram descritas anteriormente.

As funções dos lares negros

Depois de discorrer de maneira breve sobre as residências no meio rural e urbano, resta-nos apontar algumas das finalidades dessas moradias. Elas garantiriam melhores condições de vida e mais espaço e privacidade para realizar atividades como as de se alimentar, dormir dentre outras. Segundo Slenes, o escravo que possuísse família, provavelmente possuiria mais espaço para morar seja nos cubículos das senzalas, nos pavilhões ou em casas separadas⁴⁴. As choupanas possibilitavam maior autonomia para algumas atividades sociais básicas como: dormir, comer e manter relações sexuais⁴⁵.

Bittencourt Sampaio indica que as choças constituíam ainda em locais de privacidade nos quais o escravo poderia lembrar-se dos fatos ocorridos, chorar de saudades e, talvez, de tristeza⁴⁶. Para os homens e mulheres africanos talvez chorar de saudades da sua Terra, saudade dos entes que as relações escravistas teriam separado, mães de filhos dentre outras possibilidades. Lembro que apenas após 1871 as famílias não puderam mais ser separadas. No entanto, as moradias dos escravos e o seu entorno também eram lugares de alegria e espaços de lazer. Em 1861, na Vila de

42 AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagens pelas Províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe*. SP: Itatiaia, SP, USP, 1980, pp.331-335.

43 SLENES, Robert. *Na senzala uma flor*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1999, pp.237-253

44 SLENES, Robert. *Na senzala uma flor*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1999.

45 SLENES, Robert. *Na senzala uma flor*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1999

46 SAMPAIO, Francisco Leite Bittencourt. No álbum de um poeta (fragmento). In: LIMA, Jackson da Silva. *Os Palmares Zumbi & outros textos sobre a escravidão*. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1995, p.95.

Lagarto, Vicente, escravo de José Narcizo, mencionou num interrogatório que estava em sua casa no Barro-Preto “tocando pandeiro”⁴⁷.

Essas moradias, também era um dos locais que esses homens e mulheres escravizados se reuniam, conversavam, organizavam fugas e/ou revoltas guardavam alguns dos objetos que seriam usados nesses atos. Em 1815, o quartel de polícia da Cidade de São Cristóvão ordenou que fosse feita buscas nas senzalas; afim de que fossem buscadas e tiradas as armas que lá fossem encontradas⁴⁸. Ressalto que nesse período ocorreram algumas tentativas de revoltas, incluindo uma em Alagoas e que os escravos foram levados para a Cidade de São Cristóvão.

Nessas casas também eram guardados os pertences de valor que eram conseguidos por alguns escravos, como ouro e roupas. Os quilombolas saquearam a senzala de Miguel e Damiana, escravos do Engenho Carregosa. Os bens desses escravos estavam nas suas moradias e nesse episódio temos mais uma função para as moradias, a guarda dos seus pertences⁴⁹.

Nas moradias, o choro de tristeza, tocar e ouvir o pandeiro, bem como guardar armas e bens, planejar fugas poderia ser feito longe dos olhos dos senhores, sem contar que além do lazer e das atividades sociais básicas. Elas também provavelmente foram palcos de vários conflitos que envolveram familiares, inclusive casais.

Em suma, foi mostrado que algumas senzalas ficavam no final dos terrenos e foram construídas com palhas e cipós, outros escravizados não tiveram acesso as moradias, tinham apenas algum espaço nas residências dos seus senhores. Encontramos indícios sobre as senzalas rurais em várias localidades sergipanas, dentre elas: Aracaju, São Cristóvão, Lagarto, Santo Amaro, Maruim e a povoação de Estância, o que nos permite ter acesso a fragmentos sobre a moradia escrava e construir um mosaico. Os escravizados que viviam em posses maiores tinham um maior acesso a famílias e conseqüentemente a moradias. As finalidades dessas moradias foram diversas, entre elas local de sociabilidade e de lazer. Ou ainda um lugar para chorar as tristezas como também citou Castro Alves, choro devido ao cativo ou saudades da sua terra. Por fim, o fogo descrito por Castro Alves que aquecia estava quase apagando, o fogo que ligaria o escravo, a escrava e o seu filho com os seus ancestrais. No entanto, possivelmente ele se manteve aceso e contribuiu para que essa se tornassem lares para diversos homens e mulheres escravos.

47 AGJSE, Vicente réu, vítima, Pedro, sumário de culpa, 27/06/1861, Cartório do Segundo Ofício de Lagarto caixa 3, 56p.

48 APEB: Ofício expedido, In Cartas ao Governador, pacote 229.

49 AMARAL. Sharyse Piroupo. *Escravidão, liberdade e resistência em Sergipe: Cotinguiba, 1860-1888*. 2007. 272f. Tese (Doutorado em História) Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador.p.129